

CASA & ESTILO

DESIGN

Mobiliário moderno: clássico e atemporal

PEÇAS DESENHADAS NO BRASIL DOS ANOS 50 E 60 GANHAM VALORIZAÇÃO

JANAYNA ÁVILA
Repórter

Não importa a casa: pobre ou rica, minimalista ou não, não é possível imaginá-la sem pelo menos um móvel. Mais importante do que um eletrodoméstico numa residência, o mobiliário pode, a depender de sua forma, ser também o símbolo de uma época. É o caso das peças criadas por quatro designers que, inspirados pelo movimento moderno no País, deixaram de lado o estilo do passado e as soluções alheias às condições locais (como o clima) para abraçar a proposta de um mobiliário brasileiro.

A exposição *Sempre Modernos*, que está em cartaz até o dia 25 de julho na galeria Passado Composto, em São Paulo, revela o quanto os móveis assinados por Joaquim Tenreiro, Sergio Ro-

drigues, Jorge Zalszupin e Jean Gillon têm de clássicos eternos. Com curadoria de Adélia Borges, a mostra deixa claro que a simplicidade das criações dos designers é mais difícil de ser alcançada do que se imagina.

Cada um dos móveis – cadeiras, em sua maioria – traz o conceito da forma livre de ornamentos e o que a curadora chamou de “subversão dos conceitos de frente ou trás, direito ou avesso”. Isso significa que, graças a um projeto cuidadosamente desenhado e executado, são muito bem resolvidos.

PERÍODO FÉRTIL

Parte desse êxito vem do fato de que três dos quatro designers que compõem a mostra são arquitetos e, por isso, têm uma compreensão segura do espaço. O único criador que não é arqui-

teto, Joaquim Tenreiro, vem de uma família de marceneiros, o que lhe deu conhecimento aprofundado a respeito da madeira, matéria-prima comum aos quatro designers. A ela somam-se também outros dois materiais facilmente encontrados no Brasil: o couro e a palhinha.

O período em que esse mobiliário é produzido – anos 50 e 60 – é justamente o do surgimento de dois importantes movimentos culturais nacionais: a bossa nova e o cinema novo. Nossa arquitetura também respirava o desejo de renovação. Vivíamos o otimismo e a esperança. Hoje, depois de algumas décadas esquecida, essa produção vem ganhando, enfim, o valor que merece. Para se ter uma ideia, a cadeira Três Pés, assinada por Tenreiro, foi vendida em Nova York, há três anos, por US\$ 250 mil.



Peças de Jean Gillon na exposição *Sempre Modernos*: mobiliário que equilibra forma e função



JOAQUIM TENREIRO > 1. Poltrona e sofá com mantas soltas (1955) > 2. Cadeira com varetas e assento de palhinha (1960) > 3. Cadeira Três Pés (1947): com tiras de diferentes madeiras, ela foi vendida recentemente por US\$ 250 mil



JEAN GILLON

> 1. Cadeira em pau-ferro e assento em couro preto (1965) > 2. Poltrona com estrutura em imbuia e assento em couro sobre rede de nylon (1968) > 3. Poltrona Saci: percintas e almofadas de couro



SERVIÇO

O quê: exposição *Sempre Modernos*, dos designers Joaquim Tenreiro, Sergio Rodrigues, Jorge Zalszupin e Jean Gillon
Onde e quando: galeria Passado Composto (Alameda Lorena, 1996, Jardins, São Paulo), até o dia 25 de julho
Mais informações: (11) 3088-9128



SERGIO RODRIGUES > 1. Cadeira Cantú: estrutura em jacarandá com assento e encosto em couro (1959) > 2. A Poltrona Mole, cujos almofadões são unidos numa só peça (1957) > 3. Poltrona Parati: madeira e tecido (1963)



JORGE ZALSZUPIN > 1. Leveza é o principal atributo da poltrona em madeira e couro (1960) > 2. Poltrona Senior: conforto na estrutura em madeira com assento, encosto e braços estofados (1960)